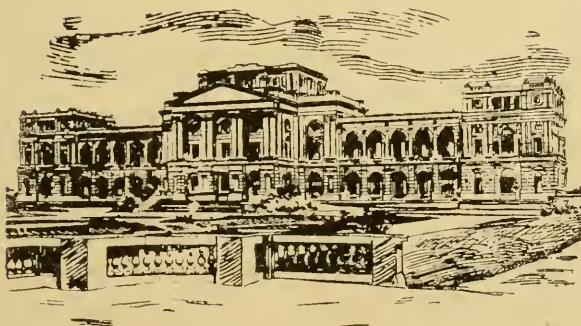


REVISTA

— DO —

MUSEU PAULISTA

TOMO XII



SÃO PAULO
TYP. DO "DIÁRIO OFFICIAL"
1920

Notas sobre os costumes

dos Indios Nhambiquaras

— PELO —

Major Dr. Antonio Pyreneus de Souza

Engenheiro Militar



NOTAS SOBRE OS COSTUMES DOS INDIOS NHAMBIQUARAS

(Tomadas pelo 1.º tenente Pyreneus de Souza, em 1911, quando em serviço da Comissão Rondon e acompanhadas de dois breves vocabularios)

As presentes notas foram registadas sobre a perna e aos bocados, aqui e alli, conforme a oportunidade, durante a minha permanencia em Campos Novos, na Serra do Norte, onde estive, de setembro de 1911 a fevereiro de 1912, organizando a fazenda de Campos Novos e dirigindo o serviço de transporte do material da Comissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas, do Juruena a Vilhena. Publicando-as, agora, conservei o primitivo desalinho geral, como foram tomadas, sem influencia de leitura de trabalhos publicados sobre os Nhambiquáras, por me parecer que dar-lhes arranjo mais methodico seria prejudicar a impressão de naturalidade selvatica — que é seu unico valor.

A grande e valente nação *Nhambiquára* tem por *habitat* extensa zona das serras dos Percis e do Norte e está muito subdividida em grupos inimigos entre si. Desses grupos conheci em Campos Novos, os seguintes: *Anonzé*, *Cocosú*, *Uainelezê*, *Xaody* e *Tayópa*.

O indio Nhambiquára, tem a estatura mediana, o peito largo, o ventre crescido, os dentes grandes e em geral estragados, orelhas curtas e pés pequenos. Seus cabellos são muitos negros, luzidios, abundantes, grossos e lisos, aparados na testa e no hombro e cahindo sobre as orelhas de modo a resguarda-las da chuva. Raramente tem barba e, quando a tem, é pouca e no queixo.

São os Nhambiquáras, principalmente as mulheres, alegres, de physionomia franca, intelligentes, muito curiosos, hospitaleiros e extremamente amourosos dos filhos.

Os homens furam o nariz e o labio superior, onde collocam um enfeite ou um pedaço de páo; furam tambem as orelhas, nas quaes collocam brincos. Este enfeite consiste numa taquarinha — de 8 a 18 centímetros de comprimento — tendo engastado em uma das pontas um penacho de pennas de periquito ou uma grande penna de arara.

Usam como enfeite, homens e mulheres, collar de côcos, de conchas e de dentes de animaes. Apertam fortemente, os braços e as pernas com ligas de fibras de tucum ou de algodão, ordinariamente tecidas pelas mulheres. Os homens trazem á cintura uma embira cujas pontas são compridas e cahem para a frente, cobrindo quando novas, as partes pudendas. As mulheres trazem, no mesmo lugar, um colar de contas de côco, passado em muitas voltas. Os homens, ás vezes usam bonitos diademas de pennas vistosas ou de pelles de onça e raposa.

Não usam nenhuma outra vestimenta tanto os homens como as mulheres.

Dormem no chão e de preferencia, na areia, á beira de pequeno foguinho, acceso toda a noite, tendo por travesseiro, uma cabaça ou alguma perna do vizinho ou vizinha mais proximo. . .

Ha sempre, na aldeia, um velho, que passa a noite acordado, á beira do fogo, contando a historia da tribu e suas lendas aos indios mcços, um de cada vez. Estas prelecções são feitas em voz baixa, para não perturbar o somno dos outros indios e ouvidas sómente pelo indio que está de quarto. . . Este educando presta a máxima attenção e vai affirmando com a cabeça e com um hum! hum! que está entendendo; depois vai dormir e dá logar a outro. E a lenga-lenga do pobre velho continúa até de manhã com o patriotico interesse de não deixar desapparecer as tradições de sua tribu. Emquanto fala, o velho come e fuma com o discipulo e atiga o foguinho . . .

Quando eu pernoitava com os indios, tambem eu dormia no chão, ouvindo historias e registrando estas notas e as palavras cujo significativo entendia.

Alimentam-se, ordinariamente, de mel, fructas silvestres, milho assado e beiju feito de mandioca ralada; peixe e carne de qualquer animal, bem assada e, ás vezes, socada (até cobras, insectos, larvas e coró extrahido do tronco de palmeira pôdre).

Este pitéu — *coró* — é muito apreciado e procurado com grande avidez e por elle desprezam qualquer outro. Tendo levado ao meu acampamento, para medicar-se, um menino *annonzé*, no fim de oito dias, elle fugiu, por não haver eu permitido que comesse um coró trazido por seu pai.

Nos dias de fome, que não são poucos, devido á sua imprevidencia, comem terra de formigueiro e terra torrada (do local onde fizeram fogo).

E, nas horas de lazer, quando as mães catam os filhos, comem os piolhos e leideas, habilmente caçadas na cabeça

Aos homens cabem as caçadas e a extracção do mel. Em procura da caça e mel andam muito, pernoitando, muitas vezes, fora da aldeia. Geralmente a mulher acompanha ao homem.

Nestas excursões a mulher leva tudo que possui a familia e mais os filhos menores, que, pela idade, ainda não podem caminhar. E' a mulher quem prepara o rancho provisório da palha que mais houver no local escolhido. Estes ranchos são baixinhos e circulares, ficando a metade de cada um aberta. Os caibros são fncados no chão e as pontas superiores reúnem-se em um ponto, dispensando assim o esteio. São cobertos de folhas de bacaba, burity, assahy, guariroba do campo ou qualquer folhagem, quando faltam aquellas palmeiras. Preferem quasi sempre as cabeceiras, não fazendo questão de agua corrente. Fazem pequenas cacimbas donde tiram agua com cuia para beber e tomar banho.

Estes acampamentos provisórios são formados de tantos ranchos quantas são as familias, que constituem o grupo.

Cada familia faz o seu rancho e ahi tem toda sua rica mobilia e toda sua fortuna! . . . Consistem estas no indispensavel samburá com alça, que a

mulher carrega, passando a alça na testa. Neste samburá acondiciona o machado (outr'ora de pedra), a cabaça de fumo, a d'agua, a do mel, a de contas de enfiar, páos de tirar fogo, resina, panella de barro, pilão e mão de pilão. E ainda o beiju de mandioca, espigas de milho, as fructas que fôr encontrando e toda a caça que o homem matar em viagem. Com esta pesada carga e mais o filhinho de peito (quando o tem) a tiracollo, a pobre mulher anda o dia inteiro, muitas vezes, pelo matto ou pelo emmaranhado charravascal; corre e trepa, com admiravel agilidade, em qualquer arvore.

O homem, apenas conduz o arco com suas flechas e alguns — os mais gentis — ajudam a carregar os filhos pequeninos, que, pela sua pouca idade, ainda não os pôdem acompanhar em suas longas marchas, quasi sempre feitas ao trote, porque o indio nhambiquára não tem paciencia de andar de vagar nem procurar caminho. Quer logo chegar onde está a caça, o mel, as fructas. . .

Com a aquisição de nossos machados de aço elles derrubam qualquer páo para tirar mel. Já desprezam o machado de pedra que usavam antes. Jo convivio com a Commissão e hoje fazem troça delle . . . Acham-no ridiculo e imprestavel . . .

São habilissimos para descobrir a *porta* de uma abelha; acompanham, de muito longe, as pequeninas abelhas até que ellas, incautas, denunciem suas casas. Costumam, em vez de derrubar a arvore que tem o mel, fazer um girau, para subir até alcançar a porta da colmeia e abrir um tampo na arvore, justamente, onde se acham os preciosos favos. Outras vezes sóbem por um cipó e abrem a colmeia, manejando o machado com uma das mãos (direita ou esquerda, pois trabalham habilmente com qualquer mão) enquanto com a outra abraçam-se á arvore, para não cahir.

São processos estes expeditos e muito simples, mas que exigem grande gymnastica e muito desprezo pelas doridas mordidelas das abelhas, que, bravamente, defendem suas casas!

Aproveitam tudo: mel, larvas, samóra e cêra. Não comem geralmente o mel puro; misturam-no com agua ou com pôlpa de côco de burity.

O nhambiquára é tambem pescador; pesca com flechas de tres pontas, desprovidas de pennas. Fica, de tocaia, na barranca do rio com o arco armado. Quando o peixe passa, lança certa seta e cai n'agua para o pegar. Usa tambem cevar o peixe com milho ou fructas e flechal-o, quando elle vem comer a ceva. O peixe traspasado pela flecha não vai ao fundo; vem á tona d'agua.

Por mais de uma vez pesquei com os *Anonzés* nos rios Nhambiquára e Doze de Outubro — á bomba de dynamite — de que têm muito mêdo. Quando eu atirava a dynamite n'agua elles corriam para longe, só se approximando depois da explosão. Ao reventar a bomba davam gritos de alegria e cahiam n'agua — homens, mulheres e meninos — para apañhar o peixe no fundo. Não perdiam nenhum, nem ainda os menores. Nadam e mergulham muito. Não têm mêdo de mergulhar nos poços mais fundos, enraizados e de aguas escuras. Pesquei tambem com anzóes e os ensinei a preparal-os, iscálos e puxar o peixe, mas elles apreciavam menos o anzol do que a dynamite.

O peixe é moqueado com tripas e escamas. Não soffre nenhum preparo prévio e nada se perde...

E' o peixe a comida predilecta dos nhambiquaras; preferem-no a qualquer carne, como tive occasião de verificar.

Matam o passarinho com flecha especial de madeira tendo a ponta redonda e algumas vezes coberta de palha de milho, para não estragar a victima.

Morto o passarinho depenam-no e o enterram no cinzeiro quente com tripa, bico e unhas.

E assim o comem, depois de moqueado.

Gostam muito de um coró branco, grande, encontrição no tronco do burity pôdre. Comem-no vivo, sem assá-lo.

Não deixam escapar uma lagartixa ou um lagarto. Perseguem-nos, tanto no campo como no

matto ou charravascal, e, quando os bichos entram no buraco, os indios cavam o chão até tirá-los, tão apreciadas são essas caças. Do mesmo modo pegam ratos para comer assados, com tripas. Assam a caça, enterrando-a no borralho e, quando a caça é muito grande — uma anta ou um porco e mesmo um burro da Commissão — preparam um buraco e ali fazem fogo, para enterrar a caça com couro e tripas. . .

Não cozinham a carne, preferem-na assada e depois socada no pilão. Cozinham em panella de barro o coco da bacaba. O côco de burity elles o põem dentro d'agua, um ou dois dias, até amollecere a pôlpa, que comem com mel ou só. Tiram a pôlpa deste côco com os dentes e depois de amassá-la na mão, fazendo assim um bolo, comem-no ou offerecem-no, por amabilidade ao hospede, que querem agradar. . . E para ser amavel, tem-se que comer. . .

Têm sempre no rancho uma grande provisão de beijú de mandioca e milho. Não comem a mandioca assada nem cosida e sim ralada, em ralo de madeira, feita polvilho.

Plantam na roça mandicca, milho (um milho de grão roxo e molle); cará, batata doce (differente da nossa: é amarella e pouco cresce); fava branca e rôxa, muito grande. Plantam tambem algodão, de que as mulberes fazem fio e meadas, iguaes as que se fazem no sertão de Goyaz, Minas e Matto-Grosso. Com este fio tecem ligas para apertar os braços e pernas as cintas largas (*sore-guzé*) que as mulheres usam a tiracollo, para nellas conduzirem os filhos de peito, cordas de arcos, de enfiar contas, etc.

Cultivam tambem a mamoneira, mas não sei que uso fazem do seu fructo. Para andar á noite, quando precisam de luz, fazem facho ou então accendem um pedaço de resina.

Junto das roças estão suas aldeias (*xycés* dos Anonzês e *xycús* dos Cocozés), a que se recolhem depois das grandes caçadas e na época das chuvas.

Nunca a aldeia fica sem um homem de guarida, geralmente, um velho. A aldeia se compõe de um ou mais ranchos, grandes, bem cobertos de palha. Não tem divisões no interior; a vida é em commum.

Quando um indio quer sahir a passeio, para caçar, pescar, extrahir mel e colher fructas, etc., diz o resto da aldeia o que vai fazer e quanto tempo demorará. A mesma coisa fazem quando saem em grupos.

Quando os indios de uma aldeia vão visitar os de outra, ao chegar entregam as armas e contam, caminhando de um para outro lado, tudo que elles têm feito nas caçadas, pescarias, as abelhas que tiraram e si encontraram com outros indios ou civilizados.

Depois deste longo discurso, sentam-se e vão comer em commum, falando sempre e fumando muitos cigarros seguidos.

As mulheres têm grande amôr aos filhos, que só depois de homem casam-se e só então se separam. As filhas casam-se muito cedo.

Não vi nem um homem casado com duas mulheres. São monogamos, parece-me. Conheci mais de uma viuva que, no arranchamento provisoria, vivia só com seus filhos.

São muito hospitaleiros: quando eu chegava aos seus ranchos offereciam-me mel com agua e tudo o mais que tinham. Muitas vezes porém, encontrei-os em completa miseria, famintos. Pobres velhas, já sem dentes, chupando torrão de barro torrado, como se fora doces bonbons! . . .

O homem nhambiquára é mais forte porque alimenta-se mais de mel e fructas que encontra em suas caçadas; a mulher fica na aldeia com os filhos, esperando o marido, que, muitas vezes, não traz nada e ainda come as pequenas fructas colhidas pela mulher . . . Comem a qualquer hora, do dia ou da noite.

Gostam muito de cachorros que tratam com muita estima; assim como as gallinhas que recebem de presente, mas, para ellas não fugir, arrancam-lhes as pennas, como fazem aos papagaios, araras e

jacutingas. Criam soins e macacos, que comem e dormem com elles; nas refeições esses animaesinhos roubam beijus e espigas de milho e sobem para o tecto da *xycê* a comer e a brincar com os indios, que acham nisso muita graça. Quando algum dos macacos os encomoda muito, elles amaram as duas mãozinhas do pobre animal nas costas e assim ficam quietos. Outras vezes surram os bichinhos que fogem para cima das *xycês* a chorar e depois descem a agradar os indios. Sobem-lhes na cabeça e põem-se a catá-los...

Julgam espalhar a chuva, subindo em um cum-pim ou toco e soprando para o lado em que as nuvens estão mais carregadas. O homem, si está fumando, tira a fumaça, que espalha, soprando, ou com a mão. E assim acreditam impedir a chuva de cahir!

INDIOS ANONZÊS — Os *Anonzês*, tribu Nhambiquára, chegam á fazenda de Campos Novos pelo Norte. São chamados *Anonzê* pelos *Cocosius*. Têm todo o característico do seu povo, referido paginas acima. Não inimigos dos *Cocosius* e dos *Uamedezês*.

Os *Anonzês* moram muito distantes de Campos Novos, que procuram mais na época das fructas, isto é na secca. No inverno recolhem-se ás aldeias (*xycês*), onde têm suas roças. No tempo das fructas elles se approximam, fazendo arranchamentos provisórios nas cabeceiras, e ali passam seis ou oito dias, tirando mel, nas proximidades, e todas as fructas que encontram: burity, guariroba, ananaz, bacaba, assahy, gravatá, cajú, mangaba e outras.

Acabadas as fructas e arrecadado o mel numa cabeceira, mudam-se para outra.

Vi nas *xycês* diversos indios e indias, para se curarem de febres, tomar quina branca, do matto. Tiram a casca da *quina*, cosinham-na e vão bebendo, enquanto dura o accesso da febre. Não têm nenhum resguardo: continuam deitados no chão, comem o que encontram e, quando o accesso está muito forte, tomam banho frio.

Sempre que eu ia á *xycê*, si tinham doentes, immediatamente, pediam-me remedio. Tomam com a maior facilidade, estando doentes, qualquer medicamento, mesmo amargoso.

Encontrei em uma *xycê* de caça um menino doentinho; era um verdadeiro esqueleto. Pedi ao pai para levar a criança, afim de tratá-la na fazenda. O pai, que era muito meu amigo, promptamente accedeu, mas a mãe poz-se a chorar e, quando tomei o menino na minha garupa, para partir, todas as mulheres começaram a chorar e soltar gritos lastimosos. . .

Este menino ficou na fazenda oito dias, sendo medicado pelo Dr. Espiridião Gabinio, nosso medico, no fim dos quaes, estando curado e um pouco mais forte, fugiu, sósinho, a para *xycê*, a tres leguas de distancia, por haver eu prohibido que elle comesse um bolo de polpa de burity azedo e um *coró* de pão podre, que lhe trouxera o pai. Na primeira noite que esta criança passou na fazenda chorou muito, não obstante não ter febre e estar em boa cama. Saudades da *xycê*!

De outra vez encontrei, na mesma *xycê*, um indio moço, muito meu amigo, Lyra, com o braço enterrado na areia, para cural-o de um profundo corte, que nelle fizera com um machado. Levei-o tambem, para a fazenda, onde ficou até cicatrizar, de todo a ferida.

Diversos *anonzês* sentindo-se doentes nas *xycês* ou nas caçadas, vinham para a fazenda pedir remedio e dirigiam se immediatamente ao Dr. Espiridião. Tinham muita confiança em nossos medicamentos e um verdadeiro respeito pela pharmacia, na qual admiravam tudo, sem tocar em nada! G stavam muito de ver o Dr. Espiridião fazer o curativo de uma ferida ou dar injeções

Só doente o *anonzê* toma leite, estando bom, tem nojo; diz que é leite de *docê* (mulher) e que elle não é criança de peito. . . .

O indio *anonzê* vai ser um bom vaqueiro na fazenda nacional de Campos Novos. Gosta muito

de montar e é firme a cavallo. E' admiravel rastejador e de muito tino para cortar um rumo, quer no campo, quer na matta ou charravascal.

O *Anonzê*, inimigo, como já se disse, do *Cocozú* e do *Uinedezê*, conhece a lingua destes dois inimigos, que receia e evita encontrar.

Por mais de uma vez consegui reunir em Campos Novos indios destes grupos adversarios. A principio o *Anonzê* mandava-me fazer fogo no *Cocozú* que, dizia, me flexava e tambem a elle. Eu respondia que não, e procurava fazer os de um bando conversar com os dos outros. Eram sempre discursos longos, acompañados de riscos no chão, onde cada um, por sua vez, traçava linhas parallelas, ora, indicando caminhos, ora rios, como que mostrando seus dominios e divisas. Nunca falavam dois ao mesmo tempo: enquanto falava um, o outro escutava, fumando sempre, e prestando muita attenção, para depois, tomar a palavra. Faziam muitos gestos e mostravam rufos com os braços. Talvez, historias de guerras passadas!

Presenciei bonita e interessante scena de reconciliação numa aldeia de *Anonzés*, cerca de tres legoas ao Norte da fazenda Campos Novos.

Estando commigo, na fazenda, tres *Anonzés*, chegaram, tambem em visita, dois *Cocozús*, levando-me presentes de beijú, polvilho e milho. Aceitei o polvilho e mandei que dêssem o beijú e milho aos *Anonzés*. Dois destes não estavam satisfeitos, não acceitaram os presentes e me pediam que fizesse fogo nos *Cocozús*, que, repetiam, flexavam a elles e a mim; mas o outro, um velhinho alegre e bonachão, acceitou o milho, offereceu cigarro e começou a conversar muito animado. Aproveitando as pazes do velho com o *Cocozú*, convidei-os para irmos á aldeia dos *Anonzés*. Levei commigo dois vaqueiros armados de Winchester (por precaução) e muitos presentes.

Em viagem encontrei muitos indios e indias *Anonzés* que iam á fazenda, mas encontrando-me e vendo em minha companhia os dois *Cocozús* volta-

ram todos para a *xycê*, ligeiros, quasi a correr, falando muito. As mulheres e alguns indios, mandavam que eu atirasse nos *Cocosús*, que eram mãos.

Eu lhes dizia que eram meus amigos e delles, e para o provar abraçava os dois *Cocosús*, que não se separavam de mim.

Vencemos tres leguas em pouco mais de duas horas e ao chegarmos á aldeia, estavam todas as mulheres reunidas e muito agitadas, falando copiosamente

Chamavam-me pelo nome para que eu me aproximasse e mandavam que os *Cocosús* voltassem mostrando-lhes o rumo da aldeia delles. Os *Cocosús*, juntos de mim, não diziam palavra! Estavam com mêdo e agarravam-se a mim cada vez mais. Tambem tive mêdo. . . Distribui missaugas ás mulheres, as quaes me offereceram mel com agua que eu bebi com os dois *Cocosús* para mostrar que eramos todos amigos.

Dirigiram-se então, para o pateo central da aldeia e abi fincaram seis estacas dispostas conforme a figura ao lado, sentando se os dois *Cocosús* entre as estacas C. e D., á sombra de folhas de guariroba, adrede preparadas. A mulher do chefe (este estava ausente) começou a falar, andando da estaca A para a estaca B. Falou mais de uma hora, fazendo muitos gestos e batendo com a mão na cabeça e nas pernas. Quando ella acabou de discursar, estava com a bocca espumante, e sentou-se junto da estaca E. Levantou-se então o *Cocosú* mais velho, foi para o lugar da mulher e falou muito caminhando sempre e tambem batendo na cabeça e nas pernas. Tanto a mulher como o indio traçavam linhas paralelas na areia e apontavam para longe. Quando o *Cocosú* acabou de falar a mulher amarrou-lhe na cintura um collar de contas, que eu lhe tinha dado e offereceu-lhe uma cuia de hydromel. Estava feita a paz! . . .

E. F.

A. B.

C. D.

Queriam que os *Cocozús* dormissem, para voltar no dia seguinte, mas eu temendo que elles estivessem tramando uma traição, levei os *Cocozús* e alguns *Anonzés*, para dormirem na fazenda, onde chegámos á noite e tivemos um grande jantar em commum. *Cocozús* e *Anonzés*, sentados á minha mesa, conversavam amigavelmente!

Tres dias depois chegou a Campos Novos uma outra turma de *Cocozús* com milho, beijú de mandioca e mel e couvidou-me para ir com elles á aldeia dos *Anonzés* a quem já chamavam *nenê* (amigo).

O chefe destes indios *Anonzés* é um velho, mal encarado, de pouca conversa, marido da india que fez o discurso de recepção dos dois *Cocozús* e pai de um rapaz muito intelligente e muito meu amigo, de nome *Kucikeze*, companheiro inseparavel de *Nuleke*, outro meu amigo que passou a morar na fazenda de Campos Novos enquanto eu alli estive. Quando me retirei, quieriam vir commigo, para vêr a minha *xyçé*.

INDIOS COCOZU'S. — Os *Anonzés* chamam de *Cocozús* a todos os indios que apparecem na fazenda de Campos Novos pela linha telegraphica e que habitam além do rio Nhambiquára. Esses indios, porém, dão-se o nome de *Cocozús* e chamam, a seu turno, os *Anonzés* de *Anonzús*.

Os *Cocozús*, outra tribu da grande nação Nhambiquára, têm muitos ranchos (*xyçús*) na matta das Cangas, nas cabeceiras dos rios Camararézinho, Primavera, Vinte de Setembro e numa e noutra margem dos rios Juina, Formiga e Juruena.

Vão os *Cocozús* até á estação telegraphica de Utiarity. Visitei duas aldeias (*xyçús*) destes indios, sendo uma á margem direita de um ribeirão que desagua no rio Juina, pela margem esquerda deste, acima da passagem da linha telegraphica e a outra numa cabeceira que corre para o dito rio.

Esta ultima *xyçé* fica situada á cavalleiro de bonito e extenso chapadão, muito limpo, que se estende á margem esquerda do rio Juina, para cima

da passagem da Linha. Consta de dois ranchos de morada, grandes, de dois esteios e cobertos de palha de burity e de um outro rancho menor, redondo, de um esteio só e situado á rectaguarda daquelles. Nos dois ranchos maiores da frente, moram diversas familias, que obedecem ao chefe, ainda moço, de nome *Acururê*. A *xycù* não tem divisão e só tem uma porta, todo o oitão da frente.

Encontrei nesta aldeia muito mel que os indios a toda a hora me offereciam, instando tambem para que comesse milho assado, beiju de mandioca, tocura torrada e um bolo feito especialmente para mim, *beiju de mandioca e tati moqueado*, com tripas e casco e tudo socado no pilão até serem triturados todos os ossos. O indio que se encarregou de fazer este (para elles) excellente bôlo (*áarü*) offereceu-me um e sahi distribuindo o resto pelas duas casas. Homens, mulheres e creanças comiam o tal bôlo com evidente bom gosto!... Felizmente achei um indio que comesse o meu quinbão. O meu companheiro, Paixão, comeu o *áarü* com mêdo que os indios se melindrassem...

Fizeram um ottimo *cuscús* de milho verde, ralado e envolvido em folha de bacaba e depois enterrado no borraicho. Vi esses indios comerem grillo assado, calango e uma cobra coral!...

Felizmente não mos offereceram.

Em uma dessas *xycús*, havia uma criancinha recém-nascida, filha do indio chefe. Estava completamente nua e já cheia de enfeites.

Quando ella sujava, a mãe dava-lhe um banho de agua fria e, depois, aquecia-a ao fogo... Não acceitou uma camisa de lã que eu offereci para enrolar a criança. A mãe não tinha o menor resguardo: comia tudo que o marido, muito solícito, lhe apresentava e tambem queria que a criancinha comesse com ella...

As mulheres (*doçús*) *Cocuzús* são fortes e todas muito gordas e mais sadias do que as *docés*. Ellas nunca chegaram até aos nossos acampamentos, ficando escondidas a uma certa distancia. Tive

o prazer de ser o primeiro recebido, amistosamente, em uma *xyçê* de *Cocosius* sem que as *docûs* fugissem.

Atravessam os rios Juina e Juruena, em qualquer ponto, fazendo jangada de quatro ou cinco talos da folha de burity.

Os homens são muito fortes e de muita resistência para cortar de machado. Na minha passagem, de regresso á Capital Federal, em 1912, pelo destacamento do rio Juina, vi um indio cortar um cajueiro grosso, destinado á confecção da canôa desse porto, só de um folego, para ganhar o machado, que levou com verdadeira alegria. Quando percebem cavalleiro ou gente a pé, em viagem, elles levam milho, beijú e mel para trocar por machado, facão, phosphoros, contas de colar, chapéo, calça e camisa. Preferem, sobretudo, machado, contas e phosphoros.

INDIOS UAINEDEZÊS — tribu tambem da grande nação Nhambiquára, que chegam em Campos Novos, pelo Sul. Eram muito desconfiados, ficando sempre numerosos indios armados, de arcos e flexas, nos cumes dos morros que cercam, pelo Sul, a fazenda de Campos Novos. Nunca pernoitaram; tinham sempre pressa de trocar os presentes, para voltar a reunir-se aos outros, que os aguardavam nos morros. Mostravam descontentamentos quando encontravam *Anonzês* ou *Cocosius* no meu acampamento.

Traziam-me sempre muitos presentes para trocar por machados, phosphoros e contas — razão porque a maior parte da minha collecção de artefactos *Nhambiquáras*, feita em Campos Novos e destinada ao Museu Nacional, pertencia a estes indios. Os *Anonzês* instavam commigo para lhes dar arcos, flexas e outros objectos que tinham pertencido aos *Uainedezês*.

Talvez, para os mostrar na sua *xyçê*, como trophéos de guerra . . .

As mulheres *Uainedezês* nunca foram á fazenda de Campos Novos e eu não cheguei a vê-las.

INDIOS XAODY E TAYOPAS -- tribus também Nhambiquáras.

Só visitaram-me uma vez e chegaram a Campos Novos, pelo Norte, tendo sabido, marginando o rio Doze de Outubro. Logo que entraram na saia, onde os recebi, separaram-se, voluntariamente, ficando os *Xaody* de um lado e os *Tayôpas* do outro e começaram a explicar com palavras e gestos donde tinham vindo e o que queriam. Compreendi pelos rumos indicados, ou antes adivinhei que os *Xaody* habitam as margens do Doze de Outubro, muito em baixo, ou do outro lado deste rio, muito além, um pouco para Noroeste. Enquanto os *Tayôpas* têm sua aldeia para os lados do rio Nhambiquára, muito em baixo.

Todos queriam machados, para tirar mel, e para adquiril-os trouxeram arcos, flexas e muitos collares, que iam me entregando ao receber o desejado machado.

Vocabulário Anonzê

| | |
|---|---------------|
| Água | Uarazê |
| Alli | Iadenê |
| Arara | Aranzê |
| Arco | Tuquezê |
| Algodão | Gozê |
| Abobora | Ariatecê |
| Ariticum | Ararê |
| Abelha — achopé | Arazi |
| Abelha — borá — regina | Caíndezê |
| Abelha — mandobreu | Cráinzê |
| Abelha — tatá | Arizê |
| Abelha — mandury | Cloarizê |
| Abelha — tíbuna | Tarazê |
| Abelha — mandaguary | Iuzê |
| Burity | Queregatezê |
| Basta, não quero mais | Danary |
| Buracão | Cárésacandezê |
| Bebida adocicada | Naquitazê |
| Bracelete de coutas | Airicanzê |
| Bracelete de côco | Jájáquezê |
| Braço (orgão) | Uarê |
| Braza | Idegaincê |
| Boi | Arouzê |
| Brinco de côco | Narucuzê |
| Barriga | Uainudezê |
| Bastante | Aáronzê |
| Carne | Uanuzê |
| Chamar | Acurissiná |
| Corda de arco | Deuacruizê |
| Cobertor vermelho | Uariquizê |
| Cabaça | Urútecê |
| Caninho | Dezoazê |
| Ciuta (a tiracollo de carregar menino) | Sareguzê |
| Casa | Xycê |
| Côco | Uricuzê |
| Cabello | Uaniquitezê |
| Colar de penna | Iranedezê |
| Cupim | Quirezê |
| Chifre de besouro | Dodezê |
| Cacáo (fructa) | Uruguezê |
| Comer | Sotré |
| Córrego, rio | Uaranzê |

| | |
|---|--------------|
| Côco de tucum | Oroguezê |
| Colar | Cairizê |
| Cabo de machado (de pedra). | Essacê |
| Cordão que prende o machado (de pedra) | Oroanzê |
| Conta brauca | Uncanezê |
| Conta preta | Iricanzê |
| Conta azul | Cedeguiguezê |
| Cêra | Iáyádezê |
| Cabeça de flecha coberta de palha (para passarinho). | Saketunecazê |
| Cabeça de flecha, sem palha . | Aranguezê |
| Dente | Uiazê |
| Dedo | Uaniquizê |
| Dormir | Auázanerê |
| Escuta | Nacata |
| Farinha (de mandioca) . . . | Urinedezê |
| Feijão | Kadak.zê |
| Fumo | Itecê |
| Fogo | Anicê |
| Flauta de taquara | Quiazê |
| Flecha (parte de taquara) . . | Oriquezê |
| Flecha (parte de pena) . . . | Denaquianzê |
| Flecha (farpa) | Ainzê |
| Garça | Mocarê |
| Grillo | Daquizê |
| Gordura | Ionerezê |
| Gravatá rasteiro | Cuitê |
| Gume de machado | Enizê |
| Ir-se embora | Ira-á |
| Imbira | Oiacê |
| Jacá | Caizê |
| Lambary (peixe) | Caizê |
| Lacraia | Aiandacê |
| Lingua (orgão) | Urirerê |
| Lendea | Nirunquezê |
| Peito (orgão) | Uánunguezê |
| Pé (orgão) | Uáincuzê |
| Perna (orgão) | Niquezê |
| Por aqui | Quizá |
| Piau (peixe) | Acurizê |
| Pacú (peixe) | Mambire |
| Pintado (peixe) | Uánuncê |
| Páo de raiz (enfeite) . . . | Anainzê |
| Papagaio | Cracrassê |
| Pomba | Tuizê |
| Pegar | Itá |
| Porco | Iáquizê |
| Pulseira de chifre | Oradaicruzê |
| Pilão | Nutezê |

| | |
|---|------------------|
| Panella | Oatarê |
| Periquito | Cacaitezê |
| Pedra | Doriguezê |
| Palmeira castiçal | Caicê |
| Quatá (macaco) | Calozê |
| Quan-quan (passaro) | Peantezê |
| Rosario de contas | Airocanzê |
| Rio 12 de Outubro | Orincandezê |
| Rio Nhambiquáras | Oaiêio-á candezê |
| Roça | Aitiê |
| Ralo dem adeira | Tamarê |
| Rato | Dodecê |
| Rabicho de palha, enfeite, pen- dente do pesçoço | Iaracê |
| Sol | Iquidazê |
| Segura | Ideneri |
| Testa (orgão) | Uainaquezê |
| Tição | Anicê |
| Tacape (parte de madeira) | Tituhy |
| Tacape (parte central e tran- çada com palha) | Oriquerê |
| Urubú | Uruciú |
| Urucum | Duquezê |
| Unha (orgão) | Uicanedezê |
| Urinar | Iritiê |
| Vamos | Ianá á (tirira) |
| Vai adeante | Uárity |
| Veia | Uiratanzê |

Nomes proprios :

Nuleke
Kucikezê
Zenikicê

Vocabulario Cocosú

| | |
|--|------------------------|
| Agua | Orazû |
| Arco | Roquezú |
| Abelha-bujuy | Detocú |
| Abelha-jaty | Oaiçú |
| Abelha-borá-cavallo | Aruquitaçú |
| Anta | Iuuzú |
| Arara | Aranzú |
| Abanador | Laquezú |
| Amigo | Nênê |
| Agua de mandioca | Uriazú |
| Bracelete | Coradeçú e Oalateçú |
| Botar fóra | Aidenarê |
| Bolo de beijú e tatú pisados no pilão | Áarú |
| Barba | Uaieteçú e Uatetute |
| Bígode (orgão) | Uariatú |
| Beijú | Utiuzú |
| Boi ou burro | Oaquezú |
| Braço (orgão) | Uanedezçute |
| Brinco de côco | Daruquizú |
| Cupim | Carru |
| Casa, rancho | Xyçú |
| Cobra | Tizú e Uairizú |
| Cachorro | Oarezú |
| Calango | Anarrú |
| Côco de burity | Derro |
| Cabello | Uaineteaçú, Uainequitú |
| Conta | Cairizú |
| Cabaça | Oatassú |
| Cigarro | Eideçú |
| Comer | Naguezú |
| Conforme, duvida | Icinará |
| Dedo (orgão) | Uaiquizú |
| Dente (orgão) | Uaiçú, Taniçú |
| Dá-me, pedindo | Inçá |
| Flécha (ponta de gancho) | Ariquicatú |
| » (ponta chata) | Anêrassú |
| » (ponta redonda) | Doquezú |
| Fogo | Aineçú |
| Fumo | Etú |
| Grillo | Baguedaçú |
| Garapa | Durriazú |
| Hydromel | Durriazú |

| | |
|--|------------------------|
| Imbira, amarrada á cintura | Araçú |
| Jacá (cesto). | Atiçú |
| Latido de cachorro | Indezú |
| Lagartixa | Ianoçú |
| Lenha | Ainêço |
| Lingua | Urinoê |
| Mulher | Doçú |
| Mandioca | Uriindú |
| Macaco | Roteçú |
| Milho | Quiatú |
| Mangaba | Edequezú |
| Nariz (orgão) | Uainedezú |
| Não | Orenoá |
| Olho (orgão) | Uaéquêtú |
| Orelha (orgão) | Uanedezute |
| Onça | Enarrú |
| Para perguntar (como se chama isto ou como se chama?). | Iridetoá? Dêra? Irida? |
| Pé (orgão) | Uaiequeçú |
| Pequy | Arí |
| Páo do nariz (enfeite). | Uniazú, Ecateçú |
| Páo do labio (enfeite). | Irizú |
| Pulseira | Uniguescussú |
| Páo de cavar o chão. | Ruque |
| Pilão | Nutú |
| Polvilho | Uricanezú |
| Perder-se | Nucatiracú |
| Peito (orgão) | Tauênoquizú |
| Panella. | Oatarrú |
| Quente. | Aradenerê |
| Rosario. | Cainrizú |
| Ralo | Donarrú, Tanarru |
| Colar de dentes de macaco | Roçaiçú |
| Tatú gallinha | Arrú |
| Unha (orgão) | Uaiêlaqueçú |
| Vamos | Aidá |
| Veado | Atarrú |
| Venha, chamar | Nharham |

Nomes próprios

Acuruzê

(1)

Estas *Notas* foram publicadas na *Informação Goyana*, de 15 de Agosto de 1919, de onde, com a devida venia, as transcrevemos.
